

VIDA, LUTA E RESISTÊNCIA: AS REPRESENTAÇÕES DOS SUJEITOS QUE COMPÕEM O ACAMPAMENTO “MÁRIO LAGO” DE RIBEIRÃO PRETO/SP. Priscila de Souza Oliveira, Raquel Santos Sant’Ana. — Serviço Social — Serviço Social — Departamento de Serviço Social — Faculdade de História, Direito e Serviço Social — Campus de Franca.

A luta pela terra no Brasil é fruto do processo histórico de concentração e utilização fundiária no país e da resistência, também histórica, da população rural que ao longo deste processo foi – e continua sendo – expropriada e expulsa da terra. Esta luta configura-se como uma das expressões do conflito entre capital/trabalho, o qual, apesar de se evidenciar de forma mais aguda no âmbito do modo e das relações de produção, não se detém apenas a essa esfera, perpassando também as dimensões social e política. Nesse sentido, de acordo com Fernandes (2001), compreende-se que

Os problemas referentes à questão agrária estão relacionados, essencialmente, à propriedade da terra, conseqüentemente à concentração da estrutura fundiária; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e resistência na terra; à violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento da agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, à qualidade de vida e dignidade humana. Por tudo isto, a questão agrária compreende as dimensões econômica, social e política. (2001, p. 23-24)

Pautada num modelo agroexportador embasado na produção em larga escala e no atendimento às necessidades do “mercado”, a política agropecuária do país responde, não obstante, pela grande demanda por concentração de terras, pelo baixo emprego de força de trabalho, pela utilização de técnicas e procedimentos produtivos que, em geral, não observam a preservação ambiental e, ainda, pela alta pressão por incentivos governamentais na forma créditos e manutenção de condições que assegurem a lucratividade do setor.

Frente a este cenário, não é difícil compreender os rebatimentos sociais que tal política impõe – conforme citados anteriormente -, tais como: concentração e centralização econômica, expropriação e desemprego de grande contingente de trabalhadores rurais. Com a consolidação no país de um modelo de gestão estatal neoliberal, as políticas públicas são cada vez mais focalizadas, pontuais, contando com gradativa redução de investimentos. Desta forma, se por um lado os trabalhadores rurais são expulsos do campo e engrossam a massa de desempregados no país, por outro, não são alcançados por políticas públicas e sociais que lhes assegurem condições minimamente dignas de sobrevivência. No âmbito da questão agrária, a intervenção governamental por meio da política pública de Reforma Agrária se limita à política de assentamentos rurais e, ainda, de forma muito precária.

Na região de Ribeirão Preto, “Capital do Agronegócio”, a política agropecuária referida neste trabalho se reproduz sob a égide da agroindústria canavieira. Oriundo do conflito agrário resultado do modelo concentrador de renda e riqueza nesta região, nela encontra-se o acampamento rural “Mário Lago”, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

Composto atualmente por cerca de quatrocentas famílias distribuídas entre vinte e vinte e dois núcleos de moradia, o acampamento foi o lócus desta pesquisa que se realizou no período de agosto de 2004 a agosto de 2006. Intitulada “*As representações sobre a vida no acampamento Mário Lago de Ribeirão Preto: as diferentes gerações definindo a luta pela terra*”, a pesquisa procurou focar as representações sobre a terra e, a vida no acampamento, com os seguintes objetivos: 1) analisar as influências dos fatores intergeracionais na construção das representações dos acampados; 2) verificar o significado da luta pela terra para crianças, jovens, adultos e velhos; 3) conhecer os elementos que compõem a construção de homogeneidades e heterogeneidades num acampamento rural.

Para a proposição deste trabalho concorreram duas principais compreensões: a primeira, de que os acampamentos rurais são espaços de luta pela terra que via de regra antecedem a formação dos assentamentos rurais e, portanto, as relações que estabelecem em seu interior farão parte das experiências dos futuros assentados; a segunda, de que a formulação de políticas públicas deve

contemplar as heterogeneidades presentes nas relações sociais e os interesses dos diversos grupos, inclusive de diferentes gerações.

O conceito de representações sociais que nos norteia refere-se à expressão da subjetivação do real por parte dos sujeitos e, está diretamente relacionado à forma como a totalidade se constitui:

As representações, portanto, realizam a função de organizar significativamente a realidade para os que a vivenciam. Contém um “modelo” de homem e de sociedade, explicam o real e respondem a necessidade de criação de uma identidade social, onde a questão social aparece, muitas vezes, como elemento organizador e justificador dos comportamentos. (Yasbek, 1992, p. 87-88)

No que tange à metodologia adotada para a coleta dos dados, essa foi realizada junto aos diversos segmentos etários (crianças, jovens, adultos e idosos) em duas etapas: a primeira composta por reuniões coletivas e, a segunda, por depoimentos individuais. Neste artigo enfocamos o resultado das análises dos dados coletados nas entrevistas individuais que foram realizadas junto aos jovens e adultos e dos fragmentos de história de vida colhidos com os idosos no período de janeiro a junho de 2006. Nesse ínterim foram ouvidos 06 sujeitos (01 jovem, 02 adultos e 03 idosos) cuja escolha foi feita de forma aleatória entre aqueles que atendessem, entretanto, a dois requisitos básicos: 1) terem participado das reuniões coletivas realizadas anteriormente com os jovens e adultos sobre os temas “A vida no acampamento” e “O significado da terra”; 2) que as entrevistas em cada segmento etário se distribuíssem equitativamente entre pessoas do sexo masculino e feminino – a fim de captar possíveis influências do fator gênero na constituição das representações destes sujeitos. No entanto, devido à dificuldade de localização de pessoas idosas do sexo feminino e que se dispusessem a nos relatar um pouco sobre sua trajetória de vida, neste segmento coletamos os dados apenas com sujeitos do sexo masculino. Para assegurar a fidedignidade dos dados, recorreu-se à utilização de um gravador para registro das entrevistas. Pela análise dos dados obtidos segundo os procedimentos aqui apresentados foi possível captar elementos a partir dos quais formulamos as considerações que se seguem.

Nas reuniões coletivas realizadas anteriormente para a coleta de dados com o segmento dos jovens ficou constatado que não são todos os jovens que realmente se identificam com a vida no acampamento; alguns sentem falta da cidade, seja pela infra-estrutura disponível, seja pela identificação com a vida urbana (local onde, majoritariamente, viveram a vida toda ou ao menos a maior parte dela), ou ainda, pela própria representação difundida em nossa sociedade da cidade como símbolo de modernidade em contraposição ao campo como expressão do atraso. Em geral, referem-se à falta de atividades e espaços de sociabilização para os jovens dentro do acampamento, embora exista a organização do grupo de jovens. Os que preferem a vida no acampamento, justificam-se por identificar a cidade como espaço de violência e exclusão. Quanto à opção dos pais pela inserção na luta pela terra, é quase que unânime a referência à motivação desencadeada pela falta de emprego e oportunidades na cidade, ou seja, pela busca da sobrevivência, de melhores condições de vida para suas famílias. A partir dessa constatação, buscou-se apreender melhor, por meio da entrevista individual com um dos coordenadores do setor de jovens do acampamento, como se dá o cotidiano deste segmento etário no “Mário Lago”, qual a compreensão dos que estão a frente do setor quanto à realidade vivenciada por estes jovens e em que consistem as principais propostas e desafios no trabalho por eles desenvolvido. Os elementos explicitados nesta entrevista nos auxiliaram a compreender as dificuldades que este segmento enfrenta no processo de construção de uma nova representação fundada na identidade com a terra e com a vida no acampamento. Podemos entendê-las como um conjunto de fatores que englobam: a representação construída na experiência vivenciada no período anterior à vida no acampamento¹, a qual se difere do meio rural e - como já mencionado -, em

¹ Segundo Sustaita, a diferenciação entre a personalidade formada pela cultura urbana e a desenvolvida pela cultura rural pode ser pensada a partir do conceito de *personalidade de base*. Trata-se de uma noção da Psicologia Social que refere-se às diferentes estruturas de personalidade adquiridas pelos indivíduos durante sua socialização inicial (aproximadamente até a idade de 15 anos). Desta forma, “a personalidade de base seria comum a todos os membros de uma cultura e por sua vez diferente da personalidade de base correspondente a outras culturas.” Há uma diferença de interação social entre os habitantes do campo e da cidade, a qual explica a diferença de personalidade básica entre o camponês e o habitante urbano. Esta noção, entretanto, é trabalhada

nossa sociedade, é difundida como superior a esta última; a escassez de infra-estrutura característica deste estágio de acampamento no processo de luta pela terra; a falta de atividades que vão ao encontro dos interesses majoritários dos jovens – em geral, há um certo descompasso entre algumas das atividades que o Movimento compreende como de grande importância tendo em vista seus objetivos mais longínquos e aquelas pelas quais os jovens manifestam um interesse mais imediato neste processo de transição da vida urbana para o meio rural; a grande dimensão do acampamento que configura como um fator dificultador de integração e participação a distância entre os núcleos e entre este e a sede na qual, até então, são concentradas as atividades mais gerais. Não obstante, considerando todas as dificuldades que enfrenta este segmento etário, constata-se que tem havido uma preocupação especial da organização do MST em âmbito nacional para com a juventude². No que concerne ao acampamento “Mário Lago”, em especial, tem-se buscado a descentralização das atividades de um modo geral, sobretudo pelo Setor de Esporte, Cultura e Lazer, o qual tem visado a construção de espaços de sociabilização por regiões que congreguem alguns núcleos mais próximos, propiciando assim uma maior participação.

Em relação aos adultos, passado um ano das reuniões coletivas constantes em nossa metodologia, – nas quais o principal elemento de destaque das falas era a grande expectativa do acesso a terra e, as normas existentes no acampamento eram vistas como necessárias, da mesma forma que as atividades coletivas: fundamentais para a formação daquilo que eles denominavam como “uma grande família” –, de acordo com os resultados das entrevistas individuais compreendeu-se que, na conjuntura encontrada, estes sujeitos oscilavam entre os ganhos e as dificuldades da vida no acampamento. A falta de infra-estrutura e a ausência de auxílio governamental – cestas básicas que, recebidas inicialmente pelos acampados, foram se tornando cada vez mais escassas – aliadas à demora da imissão de posse da terra ao INCRA – o que viabilizaria o processo de assentamento das famílias –, têm configurado uma nova realidade no acampamento. Diante desta, constatou-se que outros fatores, tais como gênero e experiência ou relação anterior com o rural passam a assumir papel de destaque, influenciando na forma de enfrentamento das dificuldades vivenciadas e na percepção das normas e relações sociais no acampamento. Embora hoje ambos os sujeitos possuam o desejo de viver na e da terra, suas histórias determinam a maneira como lidam com a terra. Um dos entrevistados, o que sempre se relacionou com a terra, possui uma visão bem “empreendedora”, tem muito domínio das técnicas de plantio e criação, enquanto o outro – do sexo feminino –, assim como muitas outras mulheres e famílias acampadas, sente de forma mais intensa as dificuldades econômicas e na produção. Quanto à questão de gênero, esta se evidencia na medida em que se impõem aspectos como: a condição de mulher amasiada, com filhos adolescentes; o não recebimento de auxílios como pensão ou outras formas de contribuição do pai dos adolescentes para o suprimento das necessidades destes; a dependência de outrem – o atual companheiro – no provimento da manutenção da família por meio de trabalhos informais realizados ainda na cidade; as próprias condições físicas, que restringem certos tipos de trabalho considerados “pesados” no meio rural. Para o sujeito do sexo masculino, ao contrário do que ocorre com nossa entrevistada, o sustento das necessidades familiar é extraído da própria terra, apesar de toda a falta de infra-estrutura ainda vigente no acampamento.

Quanto ao segmento dos idosos, buscou-se conhecer e evidenciar a trajetória do homem trabalhador³. Esta noção de trajetória, aqui entendida de acordo com Antuniassi et al, implica a compreensão da estratégia – “fio condutor que dá sentido às diversas situações vividas pelos agentes sociais” –, com a qual se interliga e se articula:

A análise, em termos de estratégias, pressupõe uma dimensão temporal, isto é, para entender as ações do agente social e as suas circunstâncias é necessário conhecer o seu passado e suas raízes sociais. A capacidade de lidar com os vários elementos da situação em que se encontra está diretamente relacionada com a origem social, com

aqui colada às categorias: área de residência (rural ou urbana), estrutura econômica da área (áreas desenvolvidas ou subdesenvolvidas) e classe social. (Cf. Britto, 1968, p. 206-207).

² Essa constatação foi possível a partir da fala de um integrante da coordenação nacional do MST – que também é responsável pelo Setor de Jovens no Movimento – durante palestra proferida no IV Simpósio de Questão Agrária da Unesp/ Franca realizado pelo Núcleo Agrário “Terra e Raiz” em abril de 2006.

³ Devido às dificuldades, como já referimos, de localizar mulheres idosas que pudessem nos oferecer tal depoimento.

a parcela de capital econômico, social, cultural e simbólico adquirida. Reconstituir as estratégias implica conhecer a trajetória dos agentes considerados. A noção de trajetória expressa, portanto, a dimensão diacrônica que liga o conjunto das circunstâncias às estratégias, tal como relatado pelos assentados [no nosso caso, acampados] quando contam a história de suas vidas. (Antuniassi et al, 1993, p.126)

As trajetórias destes velhos trabalhadores são histórias de vida que se iniciam com o nascimento em área rural, ao qual seguem-se a infância e adolescência de pouco ou nenhum estudo e, em contrapartida, muito trabalho. As experiências no trabalho rural, durante a maior parte de suas histórias, davam-se como posseiros, pequenos produtores meeiros ou arrendatários, variando conforme iam mudando também os locais de trabalho. Essa mudança, aliás constante, evidencia a facilidade de arranjar trabalho, assim como e, sobretudo, as também frequentes expropriações e injustiças sofridas. Não obstante, apesar de reconhecerem de forma explícita ou não tais injustiças, o trabalho na terra quando daquele passado é apresentado, majoritariamente, como sinônimo de fartura. Por motivos diversos, todos os idosos entrevistados foram obrigados a irem para a cidade e, então, registra-se o relato de muitos deles sobre as difíceis situações vivenciadas durante o tempo de vida urbana.

Trata-se de sujeitos que possuem experiências diferenciadas - sejam no âmbito familiar, produtivo, político, entre tantos outros - mas em cujas trajetórias, porém, se destacam elementos que os unem ao referirem-se à condição de classe deste segmento social. As falas dos idosos entrevistados trazem-nos o resgate de suas histórias de forte vínculo com a terra, entretanto, marcadas pela expropriação e a exploração da força de trabalho destes sujeitos. Neste sentido, evidenciam o trabalho como eixo estruturador da vida: as constantes migrações, a organização da vida antes do acampamento e agora, a decisão de ocupar terra e, principalmente, o sonho da conquista de um “pedaço de chão”. A terra, portanto, sempre fez parte de sua vida e trabalho; ao ocuparem a terra lutam para conseguir o que o trabalho não lhes garantiu: o direito à dignidade e ao sonho. Desta forma, as dificuldades pelas quais hoje passam no acampamento não são sentidas de maneira tão intensa.

Pelas análises apresentadas, observa-se os fatores que atingem de forma específica a cada um dos segmentos etários, bem como, aqueles que apesar de comuns à realidade vivenciada no acampamento por todos os sujeitos, rebatem de maneira diferenciada em cada um dos referidos segmentos. Dessa forma, buscamos aqui evidenciar os principais elementos que delineiam as representações destes sujeitos, as quais hoje são mediatizadas pela vida cotidiana no acampamento; vida de muitas dificuldades, mas principalmente, de luta e resistência em busca de condições em que seja menos difícil viver.

Referências bibliográficas

ANTUNIASSI, Maria H. et. al. De sitiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais. *São Paulo em perspectiva* – Revista da Fundação SEADE. nº 03, vol. 07. jul/set, 2003. p. 125-132.

BRITTO, S. (Org.). *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. Vol I. p. 205-224.

FERNANDES, Bernardo M. *Questão Agrária, Pesquisa e MST*. São Paulo: Cortez, 2001.

LESSA, Sérgio. O Processo de produção/reprodução social: trabalho e sociabilidade. *Capacitação em serviço social e política social. Módulo 1: Crise Contemporânea, questão social e Serviço Social*. Brasília: CEAD, 1999, p. 36-51.

STÉDILE, João P.; FERNANDES, Bernardo M. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

YAZBEK, M. C. *A assistência social na conformação da identidade subalterna*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1992.

Bolsa: CNPq/ PIBIC